

Comportamento da Alergia Tuberculínica em Filhos de Leprosos, após Calmetização *

Dra. ESTELLA BUDIANSKY

Porto Alegre - R. G. S.

Material de estudo: 168 filhos de leprosos, entre 0 e 24 anos, em sua maioria escolares, internados no Preventório Amparo Santa Cruz de Porto Alegre, foram por nós estudados do ponto de vista de sua alergia tuberculínica e lepromínica. Para a investigação da primeira, usamos a reação de Mantoux com tuberculina velha de Koch, fornecida pelo Instituto de Manguinhos, do Rio de Janeiro, nas diluições de 1/1000, 1/100 e 1/10 sucessivamente, considerando analérgicos os que respondiam negativamente a esta última concentração. O critério de leitura das reações tuberculínicas seguido por nós, foi o recomendado pelo 5.º Congresso Panamericano de Tuberculose que considera como positivas as infiltrações a partir de cinco milímetros de diâmetro. Dessa forma resultaram tuberculino-positivos 70, isto é, 41,6%. As reações de Mitsuda, realizadas pelo leprólogo do Preventório, Dr. Pessoa Mendes, mediante a injeção de 1/10 de cc de lepromina fornecida pelo Serviço Nacional de Leprosos, e lidas 21 a 30 dias após, apresentaram uma incidência de quase 100 % de positividade: 94 % nos tuberculino-positivos, e 92,9% nos tuberculino-negativos.

Dos 98 analérgicos à tuberculina, 86 foram calmetizados por via oral com uma dose única de 20 centigramas de B. C. G. preparado pelo Laboratório Central do Departamento Estadual de Saúde (alguns o foram por via intradérmica, dose de 0,015 centigr., por sugestão do ilustre prof. Sayago, que em 1945 nos honrou com sua visita e seus sábios ensinamentos.) Um mês após a calmetização, pesquisamos a alergia tuberculínica em 82. Usamos a reação de Mantoux a 1/100 e quando negativa, fomos à solução a 1/10. Dessa forma, resultaram positivos 50, isto é, 60,9%. Um ano após, de 76 destes, apenas 27 se apresentavam positivos à tuberculina até a solução a 1/10, i.é., 35,5%. Os restantes 49 se mostravam

(*) Trabalho realizado no Departamento Estadual de Saúde do R. G. do Sul e apresentado à. TT.^a Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria, realizada em Curitiba. Outubro de 1948.

negativos à tuberculina até a solução a 1/10. Houve um grupo de 23 que calmetizados e recalmetizados, nunca conseguiram revelar alergia tuberculínica. (controles realizados durante três anos consecutivos.)

Afim de comparar resultados, submetemos 173 internadas entre 4 e 17 anos do Orfanato N.S. da Piedade às mesmas reações tuberculínicas. Resultaram 103 positivas, isto é, 59,5%. As 70 analérgicas foram calmetizados, seguindo a mesma técnica usada nos internados do Amparo Santa Cruz. Conseguimos pesquisar a alergia tuberculínica de 45 destas, um mês e um ano após a calmetização. Resultaram positivas 70,7 e 73,3% sucessivamente.

CONSIDERAÇÕES

Ao tentar comparar a incidência de tuberculino-positivos entre filhos de leprosos, em sua quasi totalidade Mitsuda positivos, com uma amostra comum de população, (internadas do Orfanato N. S. da Piedade), chama-nos a atenção a incidência relativamente baixa do 1.º grupo - 41,6% - em relação á do 2.º, 59,5%. Várias causas de erro, entretanto, poderiam estar contribuindo para este aparente menor poder de reação à tuberculina por parte dos filhos de leprosos: 1.º) a menor probabilidade de contato com bacilos de Koch, por parte destes últimos, que em sua grande maioria provêm do interior do Estado, de zonas rurais, e que aqui chegados, vivem praticamente segregados da zona urbana, na periferia da cidade de Porto Alegre, onde fica localizado o Amparo Santa Cruz. Já o mesmo não sucede com as internadas do Orfanato, que se acha localizado em pleno centro da cidade de Porto Alegre, e as quaes provêm em sua maioria de zonas urbanas. 2.º) embora predomine em ambos os grupos a idade escolar, a existência de um grupo abaixo de 4 anos no Amparo Santa Cruz — 23 — todos analérgicos, em contraste com a inexistência de tal grupo etário no Orfanato, em que a idade mínima é de 4 anos, seria outra causa de erro. Diante destes dois fatores, não poderíamos considerar a menor incidência de tuberculino-positivos entre os filhos de leprosos como sendo algo inerente, próprio deles, que possivelmente decorresse de sua condição de previamente sensibilizados pelo bacilo de Hansen.

Foi com o fim de afastar estas causas de erro, que resolvemos pesquisar a alergia tuberculínica destes dois grupos, após calmetização dos analérgicos. Dessa forma, encontramos um mês após, bastante reduzida a diferença de comportamento em relação á aler-

gia tuberculínica por parte dos filhos de leprosos e o da amostra de população comum: 60,9% e 70,7% respectivamente. Entretanto, um ano após, era chocante a diferença: apenas 35,5% dos primeiros conservavam a alergia, ao passo que esta se mantinha a mesma nos segundos.

A que atribuir tal contraste de resultados, uma vez que as causas de erro iniciais, aqui haviam desaparecido? A alergia lepromínica, previamente instalada, estaria em antagonismo com a alergia tuberculínica, e seria responsável pela fugacidade da alergia desenvolvida pelo B. C.G. ?

Apezar dos notáveis trabalhos sobre alergia tuberculínica e lepromínica realizados por Rotberg (1 e 2) , Fernandez (3) . Schujman (4), Sayago (5), para citar os mais recentes, paira ainda certa nebulosa sobre o assunto. Trabalhos de Fernandez sobre alergia tuberculínica e lepromínica em crianças calmetizadas que apresentavam previamente Mantoux e Mitsuda negativas em paiz de lepra endêmica, revelam a viragem paralela de ambas estas reações para a positividade, um mês após a calmetização, dando a nítida impressão dum fenômeno de "co-sensibilização de grupo, devido á intervenção do bacilo de Koch".

De acôrdo com nossas observações, entretanto, não haveria paralelismo entre reações tuberculínicas e lepromínicas em organismos prèviamente sensibilizados pelo bacilo da lepra. Nossos estudados, prèviamente sensibilizados pelo bacilo de Hansen (eram quasi 100 Mitsuda positivos), mesmo após calmetização, não mostraram reagir mais facilmente à tuberculina do que um grupo de população comum, de idade semelhante. Ao contrário até: um mês após, apresentavam uma incidência ligeiramente menor de alérgicos positivos do que um grupo testemunha. E um ano após, a diferença de positividade, entre ambos os grupos era tal, que nos dava a nítida impressão de que a alergia tuberculínica por B.C.G. era muito mais fugaz nos filhos de leprosos Mitsuda positivos.

CONCLUSÕES:

1.º) A alergia tuberculínica em filhos de leprosos, Mitsuda positivos, revela um comportamento semelhante à de um grupo de população comum, (excluidas as causas de erro). Não haveria, pois, fenômeno de co-sensibilização de grupo, devido à prévia intervenção do bacilo de Hansen.

2.º) A alergia tuberculínica por B.C.G. em filhos de leprosos prèviamente sensibilizados pelo bacilo de Hansen, mostra-se mais fugaz do que a dum grupo de população comum, em condições semelhantes. A alergia lepromínica prèviamente instalada, longe de favorecer a alergia tuberculínica, exerceria no organismo um certo efeito anergizante, sòmente evidenciável quando se trata duma alergia tuberculínica de discreta intensidade, tal qual a desenvolvida pelo B.C.G..

B I B L I O G R A F I A

- 1) — ABRAHÃO ROTBERG e FLEURY OLIVEIRA — "**A reação da lepromina na tuberculose**". — Rev. Bras. de Leprologia, 1937: vol. V Número especial.
- 2) — ABRAHÃO ROTBERG — "Estudos sobre as reações tuberculínicas na lepra" — Rev. Bras. de Leprologia, Setembro de 1938, vol. VI, n.º 3.
- 3) — J. FERNANDEZ — "**Estudo comparativo da reação de Mitsuda com as reações tuberculínicas**" — Rev. Arg. Dermat., 1939: XXIII (3.ª parte).
- 4) — SALOMON SCHUIMAN — "**Estudo comparativo entre a reação de Mantoux e a de Mitsuda nas diversas formas clínicas da lepra**" — Rev. Bras. de Leprologia, Dez. 1945. vol. XIII, n.º 4.
- 5) — G. SAYAGO — "**Resultados de provas tuberculínicas em filhos de leprosos do Preventório Amparo Santa Cruz de Porto Alegre (Brasil)**" — "O Hospital", Agosto 1947, vol. XXXII. n.º 2.